

# Museus e educação: a acção educativa e cultural dos museus com colecções de arqueologia

## Conferência de abertura

Graça Filipe \*

A instituição museal é, por definição universalmente aceite, um meio de instrução dos públicos. Mas cada museu conceberá e promoverá um projecto educativo específico, assumindo maior ou menor importância na programação museológica, segundo uma série de factores, que poderão ir da natureza da respectiva tutela aos laços estabelecidos entre o próprio museu e o meio social envolvente (ao nível a que tais laços se repercutam no campo museal).

A missão didáctica do museu, a ser devidamente inscrita no compromisso programático que vincula tanto a respectiva tutela, quanto o corpo científico e técnico e os órgãos de gestão, enquadra-se e constitui uma linha de articulação entre as funções museais de conservação, de investigação e de valorização do património e das colecções museológicas.

Como em todo o campo museal, também neste plano não se aconselham modelos ou receitas a transpor de um para outro museu, pois cada experiência confere a necessidade de respostas diferentes, mesmo para problemas que possam emergir de idênticos processos de constituição de colecções que se pretendam dar a fruir ao público, ou que possam decorrer de processos comparáveis de apropriação de patrimónios por uma dada comunidade local. Mas, para cada museu, terão de se definir as formas de concretização dessa missão, haverá que recrutar a(s) pessoa(s) ou a equipa adequada à sua concretização, perspectivando a construção da sua profissionalidade no contexto museal, será necessário identificar e actualizar o conhecimento dos públicos e avaliar a acção educativa e cultural do museu.

Da definição do serviço a prestar poderá decorrer uma ou outra designação a atribuir-lhe – serviço de acção cultural, serviço de públicos, serviço educativo, etc. –, fazendo provavelmente parte dum quadro alargado de acção cultural e educativa, destinada à mediação entre o património/as colecções preservadas e interpretadas e os públicos/utilizadores do museu. Amplamente reconhecida a interacção entre educação formal e educação não-formal ao longo da vida dos

---

\* Eco-Museu do Seixal.

indivíduos e a reciprocidade de efeitos de ambas, melhor se explorará o papel dos museus. Como lugares de educação não-formal, cabe-lhes não só diversificar as formas de trabalhar com os públicos que mais frequentemente são atraídos por eles, mas também ampliar – qualitativa e quantitativamente – o espectro social e etário dos seus utilizadores.

Nos museus ditos de arqueologia ou com colecções arqueológicas abre-se um campo de trabalho multidisciplinar, onde a iniciativa dos serviços de acção cultural e educativa assume um papel primordial, tendo por eixo central a investigação arqueológica e perspectivando a estimulação/a consolidação das identidades e a integração social, objectivos cuja pertinência cada vez menos se confina aos museus de território ou a contextos/tipologias museais restrictos.

O património arqueológico e as colecções dos museus em que se pretende centrar a nossa reflexão e debate podem constituir importantíssimos recursos de conhecimento/instrução e objectos de deleite/prazer, sempre que forem devidamente tratados, tendo em vista a personalização da comunicação com os visitantes ou com os participantes nas actividades culturais e educativas do museu e a individualização dos projectos destinados a envolver cada tipo de público. A par da exposição – produto/recurso que em regra pressupõe uma elevada capacidade de concentração por parte do observador e/ou participante – compete aos museus assegurarem serviços que preparem e/ou apoiem os públicos (escolares, não escolares, adultos, etc.) no processo de informação, de interpretação e de descoberta, a partir dos temas e dos conteúdos propostos pelo museu. Este processo didáctico do museu deverá sempre que possível apresentar e explorar, em alternância, as colecções e os sítios patrimoniais, ultrapassando as sugestões contemplativas e experimentando formas de valorização da herança técnica, económica, do mundo do trabalho e do quotidiano, por forma a que os museus possam efectivamente tomar parte das políticas culturais e de desenvolvimento, tanto às escalas locais e regionais, como de âmbito nacional e supranacional.